

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

EMPREGO DE RECURSOS POÉTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE TEXTOS NÃO-LITERÁRIOS

Clemira CANOLLA (Fundação Instituto de Ensino para Osasco)

ABSTRACT: This work discusses the teaching of writing abilities in Portuguese and argues that it is possible to students in any level to develop their capacities of writing non-literary texts with an approach to poetic linguistic resources, mainly the metaphor.

KEYWORDS: non-literary texts; metaphor; Portuguese; teaching

0. Introdução

A pesquisa com ensino de leitura em língua materna (Português) avançou muito nas últimas décadas, também o ensino de redação tem sido abordado sob a luz de novas teorias, entretanto a separação entre o literário e o não-literário parece constituir ainda uma barreira que impede aos aprendizes o desenvolvimento de suas habilidades, uma vez que quanto mais o escritor aprende uma língua, mais crítico torna-se sobre a qualidade de seu próprio trabalho.

Este trabalho tem como base estudos teóricos sobre ensino/aprendizagem de língua materna, mas tem fundamento principalmente na experiência docente que adquiri durante quase trinta anos de trabalho em escolas públicas e particulares, de nível fundamental, médio e superior, pois percebi que tanto estudantes quanto professores encontram-se pouco à vontade para lidar com recursos poéticos e têm procurado perpetuar a prática já tradicional que condena o texto não-literário, a dissertação em especial, a ser duro, rígido, objetivo e sem sabor.

Segundo Chiappini (2000:10), textos de diferentes gêneros circulam nas escolas e são utilizados de modo quase idêntico, de acordo com sugestões dos manuais didáticos. Também os exercícios que a eles se aplicam seguem um mesmo padrão e, em vista disso, levam a práticas “limitadas, pouco críticas e criativas, quando não totalmente inadequadas ou equivocadas (...)”.

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Mesmo no ensino médio, o estudo da língua acaba por reduzir-se quase que exclusivamente à gramática e o ensino da literatura, quando acontece, fica no plano dos tradicionais “panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático e desconectado do trabalho analítico e interpretativo.”

O texto literário é um modelo que pode fornecer aos aprendizes exemplos não só de estruturas lingüísticas, mas também de maneiras de organizar o pensamento com o objetivo de expor com maior clareza e de modo mais convincente uma visão de mundo que se fundamenta também na experiência do leitor como sujeito falante, membro de uma comunidade lingüística determinada.

Assim, creio que não há meio mais fácil de afastar os aprendizes da leitura e, o que é pior, ratificar a impressão de que são escritores incapazes, do que continuar empregando tempo em sala de aula apenas com o estudo das estruturas lógicas da organização textual, sem dar importância às estruturas analógicas, que são base para constituição de metáforas e de outras figuras de estilo, presentes na mente e na linguagem dos aprendizes desde antes do início de sua vida escolar e que podem ser ativadas para fazê-los construir seus argumentos de forma mais consistente.

Focalizo aqui particularmente as metáforas lingüísticas que se combinam na constituição de alegorias e, desse modo, permitem a expressão de argumentos combinados analogicamente.

Concepções que vêm da retórica clássica possibilitariam uma abordagem como essa, mas parto especificamente da teoria da metáfora cognitiva (Lakoff e Johnson, 2000), difundida por meio de estudos teóricos e empíricos que não mais consideram apenas o valor estético desse recurso expressivo.

Embora já tenha feito coletas de dados com interesse na produção de textos argumentativos, esse material ainda não tem consistência suficiente que permita uma exposição mais detalhada sobre metodologia e, menos ainda, conclusões categóricas. Em vista disso, apresentarei apenas a fundamentação teórica, a análise de alguns dados de leitura com base em textos de autores consagrados e, nas considerações finais, incluirei um exemplo de dados com textos escritos já coletados e pré-analisados.

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

1. Fundamentação teórica

O texto dissertativo argumentativo é considerado pelos estudantes o mais difícil de redigir, uma vez que os professores nunca parecem satisfeitos com o resultado e mesmo eles, os autores, muitas vezes não apreciam sua produção escrita, porque têm dificuldades para encaminhar o fio da argumentação a uma conclusão que feche o texto e expresse com clareza seu raciocínio.

Segundo Brandão (2000:32):

Um discurso argumentativo visa a intervir diretamente sobre as opiniões, atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou de um auditório tornando crível ou aceitável um enunciado (conclusão), apoiado, segundo modalidades diversas, sobre um outro (argumento, dado ou razões). Argumento, dado, razões são variantes de um mesmo fenômeno. Eles constituem a(s) premissa(s) que visa(m) a apoiar ou refutar uma proposição (conclusão).

Ou seja, a fundamentação empregada para expressar o raciocínio do autor, seja ela constituída por argumentos, dados ou razões deve ter como meta a conclusão do texto e, portanto, as premissas que servem como argumentos, dados ou razões “são noções que se remetem mutuamente” (Brandão, 2000 : 32).

Sabe-se que a estrutura da seqüência argumentativa apóia-se em duas formas de raciocínio: a dedução e a indução; o raciocínio dedutivo vai do geral para o particular, enquanto o indutivo vai do particular para o geral, em ordem progressiva.

Seja indução ou dedução a forma escolhida pelo autor para apresentar sua argumentação, ele pode valer-se tanto do raciocínio lógico quanto do analógico.

Na Arte Retórica, de Aristóteles, a metáfora já figurava como um modo de apresentar a argumentação pela exploração de elementos análogos, via transporte, translação, de elementos de um para outro campo conceptual. O raciocínio analógico porém é um processo mental e, por isso mesmo, pode resultar em diferentes formas de manifestação lingüística. Uma delas é a comparação, que se classifica como figura de pensamento, mas há também os tropos por similaridade: imagem, metáfora, símbolo, catacrese e alegoria (Tavares, 1974).

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

O ponto comum entre esses diversos recursos ditos poéticos é que lidam com elementos situados em domínios conceptuais diferentes e fazem sua aproximação por cotejo, muitas vezes iluminando possibilidades inéditas para a observação de objetos, seres ou fenômenos.

Para Lakoff e Johnson (2000 : 45):

(...) a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

A fim de entender melhor o que esses autores chamam de metáfora conceptual, imaginem-se dois domínios conceptuais aparentemente diferentes como AMOR e VIAGEM, por exemplo.

Viajar é um ato que envolve atitudes físicas concretas, que fazem parte da vida da maioria das pessoas, ou seja, é uma experiência que boa parte dos seres humanos já viveu. O amor, contudo, é um sentimento complexo e difícil de explicar. Observam-se várias expressões na linguagem cotidiana que aproximam esses domínios e tratam a relação amorosa como se fosse uma viagem. Algumas delas são: o namoro deles vai de vento em popa; o casamento dela naufragou; estamos numa encruzilhada; devemos seguir caminhos separados; entre outras.

Desse modo, surge a possibilidade de compreender e falar sobre o amor como se fosse uma experiência física concreta e familiar com características semelhantes às de uma viagem. Isso é possível porque esses domínios, AMOR e VIAGEM, têm de fato alguns aspectos em comum. Ambos são constituídos por elementos que apresentam correspondências ontológicas¹, conforme especificado abaixo:

AMOR	VIAGEM
Amantes	Viajantes
Diferentes modos de relacionar-se afetivamente	Diferentes meios de transporte
Objetivos comuns dos amantes	Destinos comuns
Dificuldades na relação amorosa	Obstáculos do percurso

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Período de tempo empregado na relação amorosa	Espaço percorrido pelos viajantes
Começo, meio e fim da relação amorosa	Começo, meio e fim de uma viagem
Ações necessárias antes de ligar-se afetivamente a alguém	Planejamento da viagem
Interrupção da relação amorosa	Viajante não chegou ao local planejado

Basta observar as correspondências acima para perceber que a analogia configura-se como um ponto forte para a sustentação de argumentos, mais ainda quando é possível encadear metáforas de modo pertinente e construir uma alegoria.

A alegoria é uma figura macro-estrutural de tipo complexo (Aquien e Molinié, 1996); é uma seqüência de metáforas e pode ser utilizada de maneira localizada, num certo ponto do discurso, ou respaldar a construção de uma obra inteira.

Num dos sermões de Vieira, por exemplo, ele se vale dessa figura para expor seu ponto de vista sobre a morte, outro conceito a respeito do qual as pessoas têm, em geral, dificuldade para expressar-se.

A morte tem duas portas: uma de vidro, por onde se sai da vida; outra de diamante, por onde se entra à eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte, sem poder tornar atrás, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar por onde não sabe, e para sempre. Oh, que transe tão apertado! Oh, que passo tão estreito! Oh, que momento tão terrível! (apud Tavares, 1974 : 374)

Leonardo Boff, por sua vez, escreve uma obra inteira baseada no cotejo entre os modos de vida da águia e da galinha, produzindo, segundo suas próprias palavras, “uma metáfora da condição humana” (Boff, 1997).

Se autores de reconhecida qualidade como Pe. Vieira e Leonardo Boff usam com sucesso a analogia para argumentar, por que nossos alunos são recriminados por seus professores quando ousam criar textos argumentativos que se constroem com base na expressão do raciocínio

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

analógico? Será que nossos professores de Língua Portuguesa não estão preparados para lidar com isso?

Creio que não é verdade, pois percebo que grande parte de nossos professores de Português está sim preparada para lidar com textos argumentativos que contém metáforas, comparações e alegorias para sustentar a argumentação. A meu ver, essa rejeição ao emprego de metáforas como recurso para desenvolver a argumentação prende-se mais à persistência de uma tradição racionalista e cartesiana que vem sendo atacada já há algumas décadas, mas resiste firmemente ainda, particularmente na instituição escolar, uma das mais conservadoras de nossa sociedade.

2. Análise dos dados

Para análise de dados, vou focalizar a alegoria construída por Pe. Vieira, já reproduzida na seção anterior.

O autor apresenta duas possibilidades de compreender a morte: (1) o fim da vida terrena e (2) o início da vida eterna. O primeiro é apresentado metaforicamente como uma porta de vidro, enquanto o segundo aparece figurado como uma porta de diamante.

Colocam-se portanto dois domínios conceptuais ligados a valores: VIDRO e DIAMANTE, com todas as metáforas que podem ser decorrentes desse cotejo, mais as implicações que desencadeiam e que permitem uma ou mais interpretações.

O vidro relacionado ao diamante, no momento histórico em que Pe. Vieira escrevia e veiculava seus sermões, é um material de valor infinitamente menor e, mesmo fora desse contexto cultural específico, sabe-se que o diamante é mais resistente do que o vidro.

Há algumas possibilidades de interpretação que se combinam: o vidro rompe-se mais facilmente, contudo essa facilidade de ruptura tem como resultado meramente o final da vida terrena, sem a perspectiva da vida eterna; além disso, a porta que se rompe foi feita de um material de menor valor econômico e, em consequência, inferior em termos de prestígio social.

Em contrapartida, a surge possibilidade do rompimento de uma porta de diamante, que exige um esforço maior, devido à resistência do material; ou seja, não é fácil chegar à vida eterna, todavia quem consegue esse feito, fez por merecer, pois empenhou grande esforço não só no ato de sair, mas, mais

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

precisamente, durante os anos de vida terrena que levou a construir uma porta feita de material tão precioso quanto o diamante.

Vale a pena lembrar que Vieira é autor que se estuda no Barroco, época em que Portugal explorava as minas de ouro e de pedras preciosas no Brasil quando a colonização tinha sua força econômica sustentada pelo extrativismo; é nesse período que se desenvolvem no Brasil alguns conflitos resultantes da formação de núcleos populacionais a buscar autonomia política, uma vez que, do ponto de vista econômico, os administradores consideravam-se explorados pela Coroa Portuguesa. Portanto, para o público que Vieira deveria atingir em seus sermões, a escolha de palavras foi mesmo “preciosa”.

É importante ressaltar que essa é apenas uma interpretação possível e plausível, feita por mim e baseada em algum conhecimento especializado que tenho sobre o assunto. De forma que não se trata da única interpretação que se poderia atribuir a esse cotejo entre porta de vidro (fim da vida terrena) e porta de diamante (início da vida eterna).

A partir de uma análise como essa, pode-se desenvolver um exercício que explore a operação inversa, ou seja: propor dois domínios conceituais, trabalhar com os estudantes fazendo um levantamento de palavras e de expressões pertencentes a cada um dos domínios, solicitar a eles que avaliem quais itens poderiam suscitar uma combinação interessante para um contraponto que tenha como base a analogia e, em seguida, propor a redação de parágrafos argumentativos que desenvolvessem a relação analógica percebida e que pudessem ser utilizados posteriormente para o desenvolvimento de um texto argumentativo.

Esse seria um dos modos de utilizar textos literários para servirem como modelo visando ao trabalho com redação e foi essa a prática que desenvolvi com meus estudantes de Letras e que tratarei em seguida.

3. Considerações finais

Em minha prática docente, tenho tentado chamar a atenção de meus alunos, a maioria hoje estudantes do curso de Letras, futuros professores de Português, para a importância de observar com atenção as metáforas e outros recursos ditos poéticos na hora de ler e escrever não importa que tipo de texto.

A reação dos aprendizes tem sido positiva e alguma produção escrita já foi coletada, pré-analisada, exposta oralmente em congressos, oficinas e semanas culturais de que participei anteriormente.

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Conforme já declarei, não considero os dados consistentes para conclusões categóricas, mas isso não impede que eu finalize este artigo com um exemplo extraído desse corpo de dados.

O trecho abaixo que vou analisar é parte de uma redação produzida por um estudante de 1º ano de Letras. Eu havia trabalhado com a sala em uma disciplina chamada *Fundamentos do texto escrito* e, entre outros elementos do conteúdo programático, incluí uma demonstração de exemplos de parágrafos desenvolvidos por analogia (Garcia, 1992). Em seguida, solicitei aos alunos que produzissem um texto, não necessariamente uma dissertação, para exercitar sua habilidade de escrever. Era o momento político em que se desenvolvia a campanha eleitoral que levou Lula à presidência do país e o autor do texto escreveu uma dissertação interessante em que focalizava a importância de uma participação efetiva da população não apenas para eleger, mas principalmente para fiscalizar e agir em prol de uma sociedade menos corrupta e mais justa no Brasil.

Para maior clareza, vou reproduzir todo o texto, pois a análise de apenas um trecho fora do contexto em que foi utilizado pode aparecer incompreensível e deslocada.

“O Brasil é um dos países subdesenvolvidos industrializados, por essa razão depende economicamente dos países desenvolvidos, sendo que, atualmente, está passando por sérias crises econômicas e sociais.

No Brasil, existem muitas pessoas sérias e responsáveis, no entanto, há muitos outros que, pensando somente em enriquecer-se, não se importando se é de forma ilícita, transformam nosso país num exemplo vergonhoso, com enormes diferenças sociais, impunidades absurdas, justiça deficiente e com leis ultrapassadas diante da realidade presente, entre tantos outros agravantes que a nossa política carrega, assim, gerando demasiadas conturbações sociais. Tudo isso, sem falar da saúde e da educação que deveriam, no mínimo, funcionar de modo mais adequado às nossas necessidades, mas na verdade são uma piada (1)!

Até quando continuaremos assistindo às várias catástrofes político-sociais de braços cruzados (2) ou falando para surdos (3)? Quando alguém que possui um cargo de poder trai nossa confiança, nós, cidadãos, deixamos passar quando o problema não nos afeta diretamente, então algum time de futebol é campeão e outro acontecimento fútil aparece e outro e outro... algum

[C1] Comentário:

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

tempo passou e já esquecemos, por exemplo, que certa vez um prédio caiu devido a diversas irregularidades dos donos da construtora, mas o tempo já apagou nossas lembranças e agora os culpados devem estar rindo em suas mansões, talvez estejam em outro país, tomando champanha num hotel caro, ou se divertindo com alguma puta de luxo! Quem sabe? Quem se importa? E as vítimas?

O desenvolvimento do Brasil depende apenas dos nossos governantes? E nós, cidadãos? Tão desunidos em tudo quanto é classe! Não existem mudanças quando não há vontade de lutar por um ideal. Muitos são os “ignorantes alfabetizados” hoje em dia e me pergunto: onde estão aqueles que detêm o conhecimento, será que estão felizes com o país assim?

Desconheço receitas para um sonhado desenvolvimento (4), não obstante, creio que a grande porcentagem dos problemas surgem num paralelo entre nosso comodismo e o oportunismo dos “grandes ladrões engravatados” (5), que levam nosso dinheiro, nossa dignidade e nosso país pro buraco; e assim o caos toma conta – o povão que se mate (6) – o mundo continua girando em torno do umbigo de cada um (7) e talvez daqui a mil anos tudo melhore!” (R.)

Vou tratar das duas metáforas que estão no segundo parágrafo do texto: (2) de braços cruzados, que interpretei como “manter-se passivo” e (3) falando para surdos, interpretada como “reclamar, sem dirigir uma ação comunicativa mais efetiva para obter resultados concretos”.

Não se trata, é claro, de uma alegoria, mas o jovem encadeou duas metáforas que se complementam, a (3) enfatizando a (2). Em outras palavras, segundo R., não basta ao brasileiro sair da passividade, é preciso saber agir de modo consistente para provocar mudanças. A ação no caso não é um ato de agressão física, ou uma revolta armada, mas um ato comunicativo direcionado a quem possa promover mudanças; talvez alguma autoridade interpelada por escrito, talvez seus futuros alunos orientados em sala de aula. O material é apenas uma dissertação de cerca de uma página manuscrita e, em vista disso, não cabe aqui uma discussão mais detalhada das intenções políticas desse autor.

O que interessa é mostrar que uma metáfora bastante convencional como a (2) é, em seguida, desenvolvida por meio de outra metáfora, essa já

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

menos convencional, na medida em que a expressão “falando para surdos” pode ser discutida e receber diferentes interpretações.

É preciso esclarecer que esse estudante teve seu trabalho selecionado por mim também pela qualidade do texto, não apenas pelo emprego de metáforas; reconheço que, ao conversar com o rapaz e solicitar sua autorização para uso do material como dado de análise, verifiquei que ele gosta de escrever, mas não considero essa informação como uma má notícia, ao contrário, creio que se confirma a suposição que expressei no início deste artigo: quem gosta de escrever, usa recursos poéticos quando não se vê limitado a usar apenas a objetividade que se sustenta na linguagem conotativa, em que as palavras têm, aparentemente, sentido unívoco e ausência de qualquer ambigüidade.

Para concluir, devo afirmar que a idéia de que “quem gosta de escrever usa recursos poéticos” está em vias de passar de suposição a hipótese em um projeto que pretendo desenvolver junto aos concluintes de curso de Letras que precisam fazer estágio de regência de classe para obter sua licenciatura, pois acredito que esses “quase-professores” podem trabalhar de fato com estudantes ditos fracos em leitura e redação em Português e, desse modo, tornar seu estágio obrigatório algo menos árido e mais útil para os alunos de escolas públicas, oriundos das camadas menos privilegiadas de nossa sociedade e que são, a meu ver, os que mais precisam desenvolver suas competências e habilidades de leitura e escrita a fim de poderem tornar-se aptos a compreender e defender seus direitos para inserir-se como cidadãos de fato na sociedade brasileira contemporânea.

NOTAS

¹ Uma versão desse mapeamento entre domínios conceptuais foi apresentada em Lakoff, 1993; a partir daí, desenvolvi o quadro que utilizei em minha tese de doutoramento (Canolla, 2001), acrescentando outras correspondências possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUIEN, Michèle e MOLINIÉ, Georges. *Dictionnaire de rhétorique et de poétique*. Paris: La Pochothèque Livre de Poche, 1996.

CANOLLA, C. Emprego de recursos poéticos para a construção de textos não-literários. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha – uma metáfora da condição humana*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola – mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo/SP: Cortez Editora, 2000.

CANOLLA, Clemira. *A trama dos sentidos: uma abordagem sócio-cognitiva da leitura de metáforas poéticas*. São Paulo/SP: PUC Tese de doutorado, 2001.

CHIAPPINI, Lígia. A circulação dos textos na escola In BRANDÃO, Helena Nagamine (coord.). *Gêneros do discurso na escola – mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo/SP: Cortez Editora, 2000.

GARCIA, Othon Miguel. *Comunicação em prosa moderna, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro/RJ : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.
